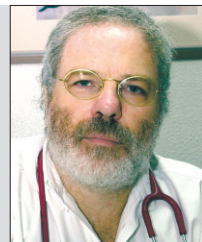




O Diário do Zezinho (13)

Os acidentes



MANUEL PEDRO FREITAS
Médico Pediatra

Aos 9 meses, com a ida para a creche, a minha vida mudou radicalmente. Antes, dormia até às 10 horas da manhã, acordava calmamente e, quando pretendia sair do berço, apoiava-me nas suas protecções laterais, levantava-me e desatava à porrada nuns chocalhos que a minha avó me tinha oferecido e que havia amarrado num suporte existente sobre o berço. Outras vezes, limitava-me a palrar, a gritar, ou seja, a chamar alguém que me libertasse daquela prisão. Não demorava muito tempo e, logo, toda a gente lá em casa aparecia para me pegar ao colo, beijar e, naturalmente, preparar a primeira refeição. Com a entrada na creche, perdi o direito ao soninho da manhã, perdi o direito a acordar calmamente e a ser tratado como um príncipe. Se calhar, estou condenado a ser como o meu pai que, com o casamento e início da vida conjugal, também perdeu direito ao pequeno-almoço (a mãe dele preparava-o, mas a minha não). Às 7 horas sou arrancado bruscamente da minha cama, enfiado na banheira, vestido à pressa e obrigado a ingerir, a contra-relógio, um biberão de leite, para que às 7:30 possa



NUNCA utilize **andarrilhos** (“aranhas”, “voadores”). Os andarrilhos provocam muitos acidentes — quedas, entalões, queimaduras, pancadas na cabeça quando o bebé vai para baixo da mesa... Os andarrilhos são muito perigosos e não ajudam a andar mais cedo, pelo contrário, podem atrasar.

iniciar a minha viagem até à creche. É claro que, quando a minha mãe acordava mais tarde, sou despachado não em contra-relógio mas a uma velocidade supersónica. Nem imaginam o desejo que tenho em chegar ao fim-de-semana para dormir o meu soninho e ter direito a tratamento VIP! Se fosse eu a mandar, a semana só tinha sábados e domingos, para não ir para aquele maldito depósito de crianças, a não ser que pudesse ter direito a horário livre, ou seja, entrar e sair às horas que quisesse.

Se não fosse o facto de me obrigarem a levantar cedo, até nem tinha muito a dizer contra a creche. Afinal de contas, apesar de ter começado mal, isto é, de logo no início ter levado uma dentada e apanhado uma gastroenterite, arranjei muitos amigos e tenho aprendido muitas coisas. Com efeito, poucos dias depois de ter entrado, aprendi a gatinhar. Antes arrastava desajeitadamente a barriga no chão, mas, depois de alguns dias de observação do João, do Paulo e da Joana, que tinham a mesma idade do que eu, mas que conseguiam percorrer, de gatas, as salas da creche onde tinham permissão de entrada e permanência, consegui imitá-los e julgo que até os ganharia ao *sprint* se houvesse provas competitivas, nesta categoria.

Quem não gostou muito da minha nova aquisição motora foram as velhotas lá de casa. Antes preocupavam-se por eu ser desajeitado, por não saber gatinhar. Agora que sabia gatinhar, que conseguia chegar a todos os cantos da casa, passaram a limitar a minha liberdade de movimentos e a ralhar comigo. Julgo que tudo isto aconteceu porque, um

dia, numa das minhas incursões pela casa, entrei na sala de jantar e, ao tentar colocar-me de pé para ver o que havia sobre a mesa, agarrei-me à toalha e, logo de seguida, provoqueei um terramoto. Parecia que nunca mais acabava a queda de pratos, copos e talheres sobre mim. Felizmente que os pratos estavam vazios, caso contrário, para além dos “galos” que fiz na cabeça e nódoas negras que me apareceram pelo corpo, ainda era capaz de me queimar. Apanhei um susto dos diabos! E então minha mãe e as velhotas lá de casa nem se fala. O problema é que, depois dessa cena, arranjaram um cesto grande, parecido a um galinheiro, a que pomposamente chamam parque, onde me prendem e para onde atiram uns brinquedos para me distrair, como se eu fosse um macaco do jardim zoológico a quem os visitantes atiram bananas.

Depois disso, também me proibiram de dar umas voltinhas num andarilho, uma espécie de moto, que a minha avó me tinha comprado, para, segundo ela, eu aprender a andar. Agora nem a pé, ou seja, de gatas, nem de moto, ou seja, de andarilho, eu podia andar, ou melhor, gatinhar! Eu sabia que, mais tarde ou mais cedo, eles me iam proibir de andar no andarilho. O meu

pediatra já tinha, na consulta do nono mês, desaconselhado a sua utilização.

Segundo o pediatra, não estava provado que o andarilho acelerasse o andar. O que estava provado, isso sim, é que ele aumentava o risco de acidentes. Não só porque, como ainda não tenho um correcto controlo dos movimentos, poderia inclinar-me demasiado e fazer cair o andarilho, mas também porque o andarilho me iria permitir uma maior liberdade de movimentos que me colocariam em situações de risco de acidentes. Poderia facilmente ir até junto de escadas e soleiras de portas e, ao tentar ultrapassá-las, cair, poderia ir até junto de móveis, de candeeiros e, tal como aconteceu com a mesa da sala de jantar, fazer cair em cima de mim objectos que me poderiam traumatizar, etc., etc... Naturalmente que nem sempre aceitava a prisão no parque e, então, perante os meus berros, lá me libertavam e permitiam uma espécie de prisão domiciliária. Permitiam que gatinhasse pela casa mas sempre sob o olhar atento quer da minha mãe, quando estava em casa, quer das velhotas. Só faltava colocarem-me uma trela como se fazem

aos cães ou alguns estrangeiros aos filhos quando se passeiam pelas ruas da cidade.

Esta “psicose” durou várias semanas. Aos 11 meses, para minha surpresa, estando preso no parque, consegui deslocar-me de uma ponta a outra, pelos meus próprios pés, sem gatinhar. Dei, sem qualquer apoio, três passos. Este percurso foi presenciado pela minha irmã, que logo espalhou a notícia por toda a casa. Eu tinha conseguido, pela primeira vez, andar sem ser no colo ou a gatinhar. Nem

será preciso dizer que, a partir daí, passei a ter mais liberdade e a ser estimulado a andar sozinho. Satisfeito, porque isso correspondia a menos tempo no parque e a poder observar o regozijo dos adultos perante a minha nova aquisição e habilidade, tentava, sempre que possível, corresponder às novas exigências. Também satisfeita e cheia de orgulho, a minha mãe, num contacto telefónico que teve com o pediatra, haveria de o informar do meu feito. Perante esta notícia, o pediatra, em vez de me felicitar, ainda teve foi o



Agora que o seu bebé já se desloca com relativa facilidade, o perigo de acidentes é ainda maior. Há coisas que julgamos que ele não é capaz de fazer, mas que faz com grande facilidade, como **puxar** uma toalha de mesa ou o fio do ferro eléctrico, ou **alcançar objectos** perigosos em cima de uma bancada.

descaramento de recomendar novas e mais medidas restritivas à minha liberdade.

Segundo ele, se eu já era capaz de fazer asneiras e correr riscos de acidentes quando só me podia deslocar de gatas ou de andarilho, agora mobilizando-me pelos meus próprios pés, os riscos eram maiores. Para além de não me poder aproximar de mesas com toalhas, da mesa do telefone, da televisão, dos armários, também era necessário redobrar os cuidados para que eu não fosse mexer nos produtos de limpeza, nos medicamentos, etc...

Pelas recomendações feitas pelo pediatra, até parecia que eu era um reles terrorista. Felizmente que minha mãe me conhece bem e não fez caso do paleio do pediatra, se não eu estava lixado. ■

Nota: Este texto é um excerto do relato da vida do Zezinho, um puto nascido na maternidade do CHF no dia 25 de Dezembro de 2001 e que, aos 14 meses, decidiu, tal como a sua irmã, redigir o seu diário. Como não sabia escrever, incumbiu essa tarefa ao seu

pediatra. Em números anteriores (1 de Março, 5 de Abril, 3 de Maio, 7 de Junho, 5 de Julho, 2 de Agosto, 6 de Setembro, 4 de Outubro, 1 de Novembro, 6 de Dezembro de 2003, 3 de Janeiro e 7 de Fevereiro de 2004) foram publicadas as peripécias por que tem passado desde o nascimento.

Atenção às **INTOXICAÇÕES**. Sempre que comprar produtos tóxicos ou corrosivos, escolha aqueles que possuam **tampa de segurança**. Não guarde em casa produtos desnecessários. Mantenha sempre os medicamentos e os produtos químicos e de limpeza em segurança, bem rotulados e bem fechados, **fora do alcance** das crianças. Não arrume produtos tóxicos junto de produtos inofensivos e **nunca mude** os produtos de umas embalagens para outras nem os deite em garrafas de bebidas. Dê uma atenção especial aos produtos corrosivos ou hiperconcentrados.



Ilustrações de “Vale a Pena Crescer em Segurança” — Associação para a Promoção da Segurança Infantil